



Tendências / Debates

Os artigos publicados com assinatura dos autores não traduzem necessariamente a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo.

Encontro de séculos

TRISTÃO DE ATHAYDE

A solenidade que, na manhã de 30 de julho, reuniu, no famoso quadrilátero da praça 15 de Novembro com as ruas 7 de Setembro, Carmo e Assembléia, algumas centenas de jovens e velhos universitários, não foi apenas uma festa da inteligência brasileira. Foi um verdadeiro encontro de séculos. Ali realmente se reuniram, no chão mais histórico da nossa velha capital, colonial, imperial e republicana, cinco séculos de história, do século 16 ao século 21. Começemos por este.

A torre dos 42 andares, onde passa desde agora a funcionar o Conjunto Universitário Cândido Mendes, é uma espécie de promontório cultural apontado para o século futuro. Quem conhece de perto esse dinamo intelectual, que se chama Cândido Antônio Mendes de Almeida, não duvidará um minuto das palavras, ao mesmo tempo tradicionalistas e proféticas, por ele pronunciadas nessa oportunidade, com aquele seu duplo dom paradoxal da palavra escrita, tantas vezes hermética, mas da palavra oral, sempre vazia de aparatos e cheia de atos, que distingue esse jovem microcosmo de cultura aristocrática, de tradição histórica e de ambição prospectiva, típico representante da atual geração planetária que sucedeu à geração modernista, filho de uma ilustre estirpe de políticos, historiadores e homens de letras de nossa história nacional. As instalações que ali soube levantar, com o auxílio de uma instituição cultural canadense e pelo traço de um grande arquiteto moderno, na linha da mais adequada arte de habitar e promover, vão, desde o subsolo para anfiteatros de debates, até os terraços de onde se descortina um dos mais belos espetáculos naturais e urbanos do mundo. Trata-se, realmente, de um desafio lançado ao século 21. Desafio esse cujo êxito se pode antecipar com segurança, pela aliança, em seu portador, das mais sólidas raízes da tradição humanista brasileira e o espírito dearrojada confiança no futuro que distingue esse jovem plantador de cultura. Como distinguiu o seu próprio avô, meu professor na antiga Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, que ali funcionou a partir de 1911, no velho casarão carmelitano do século 16, até sua incorporação à Universidade e seu deslocamento para a praça da República, no prédio histórico do Velho Senado.

Desde 1911, portanto, me encontro intimamente ligado, não só à história desse chão ilustre, mas particularmente à sua aliança atual com o esforço de perpetuação de nossa cultura, desde já voltado para o século futuro. História e Confiança, portanto, se entrelaçam para darem a essa Universidade vertical uma dimensão toda própria.

Se, de 1911 a 1913, ali passei os três últimos anos de minha formação jurídica, para ali iria voltar, em 1932, para nova etapa de uma carreira para sempre ligada àquele encontro de séculos, de que a Providência me permitiu participar, naquela manhã batizada pela

chuva do céu e pelas mais claras perspectivas de um novo século. Permitam-me, pois, que traga um mínimo de evocação histórica ao destino desse chão ilustre, onde, em 1902, o próprio avô do atual reitor e animador dessa obra notável fundava a Academia de Comércio, pouco depois convertida na primeira Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas, entre nós, de que o atual conjunto universitário é, por sua vez, fruto e semente.

O ano de 1902, como se sabe, é um ano-chave de nossas letras, pois nele foram lançados três grandes livros, iniciadores da história literária do século 20, a "Réplica", de Rui Barbosa; o "Canaan", de Graça Aranha, e "Os Serões", de Euclides da Cunha, três clássicos da nossa Inteligência. A iniciativa do meu velho professor de Prática de Processo (embora nem sempre se deva julgar as árvores pelos frutos...) estava em boa companhia. E justificava o êxito de um empreendimento, já agora voltado para o século 21.

★

Eis como, em 1952, escrevendo de Washington, onde então nos encontrávamos, tentei descrever, com a pena da saudade, e hoje resumo, esses palmos de terra carioca, onde por alguns séculos se lançaram as primeiras sementes de nossa vida cultural, cuja descrição, aliás, já foi feita por cronistas como Pizarro; romancistas como Joaquim Manoel de Macedo, ao descrever a história acidentada dos Carmelitas, ocupantes dessa venerável mansão colonial, desde 1590, até mesmo pelo próprio José de Alencar, na sua pitoresca biografia do precursor dos nossos ZiralDOS de hoje, "O Garatuja".

Que destino o daqueles palmos de chão onde, em pleno século 16, já se erguia o pelourinho, como sinal de que a cidade civil ali se instalava definitivamente, como a cidade religiosa já se instalara no alto das duas colinas dos extremos dessa língua de terra, a de São Januário (futuro Morro do Castelo, do lado da Barra, onde, nos primeiros anos deste século, fui, ainda menino, levado pela mão de meu pai, ver as ruínas da antiga capela dos jesuítas, onde por três séculos os frades capuchinhos guardaram os restos de Estácio de Sá, quando os carmelitas foram forçados a deixar seu velho convento quinhentista) e a de São Bento (do lado da baía). Ligando as duas colinas históricas, a rua da Misericórdia e a futura rua Direita, hoje 1.º de Março, cujo nome primitivo, embora fosse torta, lhe viera, como se sabe, não de um paradoxo, mas da "via Recta", onde São Paulo recebeu a luz da Revelação, e desde então ficou sendo o nome das ruas que levassem à igreja matriz de uma cidade em Portugal e no Brasil.

Foi ali, portanto, que se levantou o pelourinho da cidade, com seus dois complementos necessários, o palácio dos vice-reis e as grades sombrias do calabouço, que deu nome ao bairro onde, em 1917, fiz parte do meu serviço militar.

O pelourinho, porém, não durou muito naquele local. Em 1590, construíram o atual casarão, ainda hoje intacto graças a um oportuno tombamento, após um início de desfiguração neoclássica, nos primeiros anos deste século. Sua conservação, na base da torre do século 21, é hoje símbolo desse encontro de séculos, que será, para o futuro, um ponto turístico da nossa metrópole. No século 16, vieram primeiro os beneditinos, antes de subirem para a colina, onde até hoje mantêm, não só o mais belo templo da cidade, mas uma hospedaria e um foco de espiritualidade que representam uma bênção sobre a cidade peçadora e linda.

Quando, em 1808, a aproximação das tropas napoleônicas de Junot levou o futuro dom João 6.º, não a um ato de fuga, mas a um ato de alta política nacional, com a transferência da corte portuguesa para a América, houve no Rio o pânico das habitações. Centenas de casas foram marcadas com as iniciais fatídicas P.R. (Príncipe Real), que a malícia carioca ainda em botão logo traduziu para "ponha-se na rua". Entre os que receberam o bilhete azul, estavam os próprios frades carmelitas, que passaram para o largo da Lapa, de onde os capuchinhos se transferiram para o morro de São Januário.

Com a chegada do príncipe regente e sua corte de quinze mil desocupados, iniciou-se a fase mais agitada e histórica do velho convento. Já se viam nele três andares, tal como Debret e outros reproduziram em suas gravuras. No andar de cima foi morar a mãe do príncipe regente, a infausta Rainha Louca, neta de Carlos 5.º e que já então passeava pelos mesmos corredores por onde quase diariamente iríamos nós transitar por vinte anos seus delírios e seus fantasmas.

Assim se passaram os anos. Da Maria 1.ª cessou seus delírios de uma vez para sempre. Princesas se casaram. Da Carlota Joaquina viu dissipar-se seu sonho do Rio da Prata. D. João voltou para Portugal. D. Pedro 1.º abandonou o palácio onde o perseguiam os fantasmas maternos e se mudou para Matacavalos e para seu destino carismático. Os livros dos carmelitas, primeiro centro bibliográfico da cidade colonial, se transformaram, com a preciosa caudal da Biblioteca da Ajuda, no germe da atual Biblioteca Nacional, que ali chegou a funcionar por algum tempo. O certo é que, já ao tempo de Pedro 2.º, ali funcionou, por todo o Império, o Instituto Histórico e Geográfico, cujas sessões das quintas-feiras, até 1889, o próprio imperador iria presidir.

Com o século 20, em 1902, começaria a segunda etapa desse chão histórico, como em 1932 a terceira etapa, que tentarei esboçar da próxima vez.

Tristão de Athayde (Alceu Amoroso Lima) é ensaísta, crítico literário e pensador católico, dos mais influentes de sua geração; foi reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, é membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia Brasileira de Filosofia e autor de vasta obra.